

CATHARINA MAURA

LIGAÇÃO
INTENSA

Tradução de
Maria Gabriela Ferreira

alma
dos livros

Aviso

Este livro contém vários temas sensíveis e aconselha-se cautela na leitura. No *site* da autora, poderás encontrar uma lista de avisos não exaustiva quanto aos conteúdos: www.catharinamaura.com/warnings

Dedicatória

Este livro é para quem aprendeu a difícil lição de que apesar de as palavras poderem ser usadas como armas, as coisas que deixamos por dizer podem deixar marcas mais profundas.

Arrisca.

Segue o teu coração.

Talvez te leve a uma vida melhor do que ousarias sonhar.

Um

SIERRA

— **N**ão acredito naquele otário — exclamo, ao entrar no gabinete da minha melhor amiga. Ela ergue uma sobrancelha e, sem largar a caneta, levanta vagarosamente a cabeça do desenho que está a fazer no *tablet*.

— Deixa-me adivinhar — diz a Raven, minha cunhada e melhor amiga. — Pela... segunda vez esta semana, o Xavier Kingston fez algo completamente imperdoável?

Cruzo os braços e faço-lhe uma careta enquanto me sento, percorrendo com o olhar o bonito estúdio que criou, tecidos e desenhos espalhados por todo o lado. Até a sua desarrumação parece artística, e não faço ideia como o consegue.

— Entrou no meu computador e roubou os meus planos de decoração para o seu mais recente teatro — começo a explicar, presenteando-a com mais uma história sobre quão insuportável é o meu arqui-inimigo. — Nem sequer os tentou mudar, deixou tudo como eu desenhei, até ao mais ínfimo pormenor, quase como se estivesse a gozar comigo, dizendo-me que não há nada que possa fazer se ele quiser roubar-me as ideias.

A Raven arregala os olhos quando seguro o telemóvel à frente do seu rosto, mostrando-lhe o vídeo da entrevista que o Xavier deu ao *The Herald*. Logo esse, de todos os jornais...

— *Uau* — murmura, quando o Xavier mostra, orgulhoso, a decoração do seu novo teatro.

Nas últimas vinte e quatro horas, vi-o exibir o meu trabalho como se fosse *seu* em três programas matinais na televisão e em todos os jornais que se possa imaginar, e de cada vez que vejo o seu sorriso idiota, a minha raiva ferve mais um pouco.

— Isto é... Sierra, trabalhaste nesta decoração durante *meses*. Como é que ele sequer conseguiu roubar os teus planos?

Suspiro e passo uma mão pelo meu longo e escuro cabelo.

– Não sei – respondo, sentindo-me bastante mais derrotada do que quero admitir. – O Silas reviu todas as nossas medidas de segurança e é impossível que tenha fisicamente invadido o meu escritório. Também não encontramos qualquer prova de ataque informático, mas de que outra forma o poderia ter feito? De alguma maneira, consegui entrar no meu computador. – A Raven fica a olhar para mim como o faz às vezes, como se estivesse a pensar em alguma coisa, mas sem estar certa de que deve dizer o que pensa. – Que foi? – pergunto, semicerrando os olhos.

– Só estou a tentar perceber porque decidi ele de repente roubar-te os planos de decoração. Pensei que estavam num período de tréguas... estou errada?

Suspiro e olho pela janela, o meu coração pesado. Desde que o meu irmão mais velho, Dion, me apresentou ao seu melhor amigo, o Xavier, que não gostei dele. Ao longo dos anos, esse desagrado deu lugar a um ódio profundo, enquanto nos tornávamos rivais nos negócios. O meu ódio pelo Xavier só aumentou com as suas tentativas de interferir em todas as decisões profissionais que tomava, sabotando-me com frequência, sob o disfarce de, na ausência do Dion, me estar a proteger. Não percebo como o meu irmão mais velho não o vê. O Xavier Kingston é o Diabo disfarçado, mas, por algum motivo, o Dion acha-o um tipo impecável.

– Há mais de três anos que não nos enfrentamos a sério – digo à Raven, o meu estômago contorcendo-se de uma forma desconhecida. O Xavier deixou de me provocar tanto quando o Dion regressou de Londres, mas devia ter adivinhado que esta paz provisória não iria durar.

– Então, porquê agora? – pondera a Raven. – Aquela decoração é claramente tua. Eu vi-te a desenhá-la. É quase como se...

– Como se me estivesse a provocar – exclamo. – Aquele otário de merda está a provocar-me, a aparecer na televisão com os meus planos, a dizer que são seus e a ser inundado de elogios, todo contente. Já era mau o suficiente ter anunciado a abertura do seu teatro quando eu própria estava prestes a comprar um, e agora rouba-me descaradamente os planos de decoração? Deve pensar que lá por nos termos tratado de forma educada durante algum tempo, agora pode fazer tudo o que quer. Está enganado.

A Raven põe o seu longo cabelo escuro atrás das orelhas e sorri, os seus olhos a brilhar.

– Ia dizer que até parece que tem *saudades* tuas. Não tens ido a nenhum evento público onde sabes que ele vai estar e, nos últimos seis meses, afastaste-te de todos os projetos em que ele poderia ter interesse. Dantes, viam-se todas as semanas, mesmo que fosse só em salas de reuniões.

Suspendo a respiração, o meu coração traiçoeiro acelerando.

– Não sejas ridícula – repreendo-a, o meu tom mais fraco do que gostaria. Só a mera ideia de o Xavier ter *saudades minhas* me faz sentir um pouco esquisita. – Está tão preocupado com a *Valeria* que nem tem tempo para pensar em mim, por isso não percebo mesmo porque fez isto. – A minha voz pinga desprezo quando digo o nome dela.

A Valeria apareceu de braço dado com ele há anos e, desde então, já o acompanhou em vários eventos. Nunca o tinha visto com uma mulher e também nunca o vi com outra desde ela. A forma como a adora é revoltante. Enquanto a mim dedica o seu lado mais perverso, para ela só tem adoração, como se cada palavra que ela dissesse fosse ouro. O Xavier olha para a Valeria como se não fosse capaz de errar, e de cada vez que ela diz algo que o faz rir, dou por mim a olhar para ele, questionando-me como é possível que pareça uma pessoa completamente diferente quando está com ela.

– Ele recusa-se sempre a falar quando lhe fazem perguntas, Sierra, e eu não acredito que sejam namorados. Se fossem, ele já o teria admitido. Além disso, nunca vi nada que denunciasses existir intimidade entre eles.

Reviro os olhos perante tanta ingenuidade.

– Não viste o artigo que o *The Herald* publicou sobre ele supostamente ter encomendado dez joias diferentes ao Laurier? – pergunto, sentindo no estômago uma emoção que não consigo identificar. – Aparentemente, só as pedras preciosas e os diamantes valem vinte milhões. Não é uma coisa que se ofereça a uma mulher qualquer. – Levanto-me e começo a andar de um lado para o outro, as minhas emoções em rebuliço. – Nem sequer percebo como consegui falar com o Laurier. Independentemente da sua notoriedade e do seu dinheiro, sempre pensei que o Laurier era uma das pessoas às quais ele não tinha acesso. Não basta ter dinheiro para conseguir uma marcação, como raio é que ele comprou *dez* joias quando eu mal consigo que o Laurier me faça uma por ano?

A Raven olha por cima do ombro esquerdo e aclara a voz.

– Não sei – murmura, com a voz a tremer ligeiramente. – Talvez tenha cobrado um favor? Quem sabe?

Ergo uma sobancelha, sentindo de repente que algo me está a escapar.

– Quem seria tão estúpido a ponto de dever favores ao Diabo?

A minha linda melhor amiga desata-se a rir, o seu rosto totalmente iluminado.

– Quem, de facto? – repete, os olhos repletos de entusiasmo. – Sabes, para quem diz que odeia o Xavier Kingston, estás muito preocupada com o que faz ao dinheiro e com quem passa o seu tempo. Se não te conhecesse, até podia pensar que estás com ciúmes. Aliás, até te podia acusar de teres deixado de ir a eventos onde ele vai estar só para não o veres com ela.

Entreabro os lábios em negação, sentindo-me incrivelmente ultrajada.

– Só me surpreende que tenha tempo para espionagem corporativa – respondo, frustrada, passando uma mão pelo cabelo. – Tenho tentado ser boa pessoa, e tu sabes isso, Rave. Dei o meu melhor para não responder às suas provocações, mas ele deve ter calculado que não deixaria passar algo *deste* nível. Aqueles planos são muito importantes para mim.

A Raven anui, o seu olhar cúmplice.

– Sim, aposto que tem perfeita noção do que fez.

Envieso os lábios e olho para as minhas unhas vermelhas, uma cor feita por encomenda que me foi oferecida por outra cunhada, a Celeste.

– Monte de merda – murmuro, o meu sangue a ferver ao lembrar-me do seu sorriso idiota enquanto mostrava os meus planos na televisão. – Vou fazer com que se arrependa de ter sequer olhado para os meus planos. Se quer guerra, eu dou-lha.

Dois

SIERRA

O meu coração bate com força enquanto estaciono o carro numa zona isolada nas traseiras do complexo Kingston, junto a uma pequena abertura nas sebes espessas que rodeiam a propriedade. Há anos que uso esta pequena falha de segurança no protocolo dos Kingstons para entrar em casa do Xavier e, sempre que aqui estaciono, estou certa de que resolveram o problema, mas respiro sempre de alívio quando descubro que isso não aconteceu.

Sorrio ao olhar para o que tenho vestido – umas *leggings* pretas, uma *T-shirt* preta, botas de pele pretas até à coxa e, claro, luvas pretas. Não sou estúpida, sei bem que não posso deixar impressões digitais.

Inspiro fundo antes de me tentar enfiar na abertura da sebe, como tantas vezes o fiz, tão silenciosamente quanto posso. Nunca é menos enervante, e acredito sempre que vou encontrar o Xavier ou um dos seus irmãos do outro lado. Ou pior – a equipa de segurança, que iria sem dúvida deter-me. Nos últimos anos, fiz bastantes loucuras nas minhas várias tentativas de sabotar o Xavier, e sei por experiência própria que os meus irmãos de bom grado me deixam passar uma noite na esquadra se for apanhada a entrar aqui, nem que seja apenas para me darem uma lição.

Sorrio ao entrar sem ser detetada, o meu olhar percorrendo o vasto terreno que tenho à frente. Tal como a minha própria família, os Kingstons também vivem todos numa enorme propriedade, cada irmão tendo uma casa para si. A sebe por onde entrei é perto do jardim das traseiras do Xavier, e o meu coração acelera enquanto me dirijo para o meu alvo desta noite – a sua garagem.

O Xavier é um convencido de primeira e, se estiver com sorte, deixou a garagem destrancada como já aconteceu antes. Parece pensar que é tão intocável que não precisa de grande segurança, o que, até certo ponto, até

é verdade. Os Kingstons não são apenas multimilionários – estão profundamente enraizados na política e nas forças policiais. O que o dinheiro não pode comprar, os seus contactos podem. Felizmente, ninguém seria louco o suficiente para invadir a casa de um Kingston, caso contrário, a missão desta noite seria quase impossível.

Olho sorrrateiramente por cima do ombro ao correr para a enorme estrutura de vidro, tentando ao máximo evitar câmaras ou outras medidas de segurança, mas não encontrando nenhuma. O meu coração bate violentamente quando agarro na maçaneta de metal e suspendo a respiração por um segundo. A porta abre-se sem dificuldade, e suspiro, incrédula.

– Que *idiota* – murmuro entredentes ao abrir a porta apenas o suficiente para conseguir entrar.

Paro na entrada, contemplando as filas intermináveis de supercarros ridiculamente caros e raros. O Xavier não dá importância a muitas coisas, além de me dar cabo dos nervos sempre que pode, mas os seus carros são sem dúvida das coisas que mais adora. Não vai gostar que alguém os maltrate.

O meu rosto ilumina-se com um sorriso rasgado, e sinto-me inundada de alegria pura só de imaginar a sua expressão amargurada quando aqui entrar amanhã de manhã e perceber que não poderá conduzir nenhum dos seus adorados carros. Não resisto a dar uma discreta gargalhada quando pego no canivete que afiei de propósito para esta ocasião e me ajoelho junto aos pneus do carro que está mais próximo de mim.

Ouve-se um silvo suave enquanto o ar sai vagarosamente dos pneus. O Xavier tem dinheiro mais do que suficiente para que substituir todos estes pneus não seja nada, mas muitas oficinas vão esfregar as mãos de contentes com os estragos que estou prestes a fazer.

Normalmente, teria seguido uma estratégia olho-por-olho e tentaria roubar planos dele em troca dos meus, mas, por algum motivo, isto deixa-me muito mais satisfeita. Sinto-me muito mais entusiasmada desta vez e não sei dizer bem porquê.

Será porque há muito tempo que não nos atacávamos desta forma? Porque pensei que o tínhamos ultrapassado e nos conseguíamos comportar de forma verdadeiramente civilizada? Ou será por outro motivo? Não percebo porque me sinto tão *magoadada*. Não é a primeira vez que um de nós rouba um projeto ou planos ao outro, mas desta vez, ao contrário de no passado, não fiz nada para o merecer. Talvez seja tudo da

minha cabeça, mas parece-me que o Xavier me quer dizer que se está a borrfifar para o meu trabalho árduo ou os meus sentimentos – sem se dar ao trabalho de o fazer cara a cara, porque nem isso acha que mereço.

Mordo o lábio enquanto me dirijo para outro carro, o meu coração magoado. Até ter aparecido de braço dado com a Valeria numa gala de solidariedade, a nossa discórdia até era *divertida*. Fomos várias vezes longe demais nas nossas tentativas de sabotagem, mas havia um certo respeito mútuo. Nenhum de nós o iria admitir, mas ambos contávamos as vitórias e dávamos a vez ao outro para manter o jogo justo, fazendo com que acabássemos por dividir os projetos em que ambos competíamos. Desta vez, parece diferente.

Suspiro ao ajoelhar-me perante o último carro, um supercarro preto mate que está numa plataforma redonda. Não estava aqui da última vez e nunca vi o Xavier a conduzi-lo. Franzo a testa quando não reconheço a marca. Claramente, foi feito por encomenda e é incrivelmente caro, o que me faz hesitar por um segundo, mas acabo por espetar o canivete num pneu traseiro.

Um alarme dispara imediatamente e todas as luzes se acendem, fazendo-me saltar de susto. Tento esgueirar-me enquanto grades de metal se fecham na parte de fora das janelas, quase me deixando presa, e corro para a saída, o meu estômago às voltas.

Assim que alcanço a porta, os alarmes param e as luzes baixam outra vez. Estou ofegante e a tentar perceber o que se passa, detendo o olhar no ecrã luminoso junto à porta. «*Protocolo Senhora Kingston*», leio, e segundos depois as grades de metal levantam-se, ficando a garagem exatamente como estava quando entrei. Fico a olhar para o ecrã por mais um segundo antes de fugir, os meus pensamentos num turbilhão.

Três

SIERRA

Pego no telemóvel e recosto-me na cadeira a olhar para o artigo que a minha cunhada Faye me encaminhou esta manhã. «*Xavier Kingston apanhado a conduzir um supercarro Windsor Motors ainda não disponível no mercado.*» O meu sangue ferve quando clico no *play*, e o rosto irritantemente bonito do Xavier enche o ecrã.

– Nunca o tínhamos visto a conduzir um Windsor Motors, senhor Kingston – diz a jornalista do *The Herald*, corando enervadamente ao sorrir-lhe.

Ele ri-se e olha por cima do ombro, afagando o capô do seu carro novo com a ponta do dedo antes de se virar para a jornalista. O seu olhar mostra um misto de divertimento e provocação – uma combinação que sempre *me* foi dedicada em exclusivo.

– Não tive outra hipótese – explica, sorrindo sedutoramente. – A minha gatinha amorosa arranhou-me os outros carros todos, só me restou comprar um carro que acho que não vai arranhar.

A jornalista arregala os olhos.

– Bem, os carros da Windsor Motors são definitivamente robustos – diz, tentando disfarçar que ficou confusa com a resposta.

– São, com certeza – responde, o seu olhar ardente. – É uma honra que o Lexington Windsor me tenha deixado ter este várias semanas antes de sair para o mercado. Estou ansioso para saber o que a minha gatinha acha deste carro, já que parece que odeia todos os outros.

– É enternecedor pensar que tem uma gatinha amorosa, senhor Kingston. Não estava nada à espera disso.

– Não sei se «amorosa» é a melhor palavra para descrever a minha gatinha – diz, rindo-se com demasiado ânimo para quem acabou de dar com todos os seus brinquedos preferidos estragados. – Feroz, talvez. Bonita, sem dúvida.

– Monte de merda – digo entredentes ao fechar o vídeo, ardendo de raiva. Odeio que tenha razão, eu nunca tocara num carro Windsor Motors. Olho pela janela, o meu sangue a fervilhar, a minha mente presa no facto de me ter chamado «gatinha amorosa». É doido, disso tenho a certeza. Doido e insuportável.

Sabe que odeio esta alcunha estúpida e é exatamente por isso que insiste em usá-la. Até hoje, só a tinha usado sem que mais ninguém conseguisse ouvir. A primeira vez foi um murmúrio muito sumido enquanto dancei com ele numa gala de solidariedade há oito anos, e depois transformou-se numa provocação cerrada sempre que estamos numa sala vazia.

– *Gatinha* – repito no meu gabinete vazio. Acha que sou pequena e inconsequente, uma *criaturazinha* indisciplinada.

Estou fula quando ligo ao meu irmão Lex, diretor executivo da Windsor Motors. Rejeita a minha chamada imediatamente, o que não me surpreende. Devia saber que eu ia ficar furiosa se vendesse um carro ao *Xavier Kingston* e fê-lo mesmo assim. Todos os meus irmãos sabem que não suporto o Xavier. Faço questão de me queixar a alto e bom som das suas tentativas de sabotagem. Acham sempre que, na verdade, eu estava a pedi-las, mas como bons irmãos que são, apoiam-me sempre. Como é que raio conseguiu o Xavier ter aquele carro?

Sierra: Liga-me imediatamente ou ligo à Raya. 🙄

Sorrio quando percebo que o meu irmão leu a mensagem. Todos os meus irmãos morrem de amor pelas suas esposas e, infelizmente para eles, as minhas cunhadas adoram-me. Não lhes posso fazer maior ameaça do que dizer-lhes que vou ligar a uma delas quando me irritam.

Rio-me quando a chamada do Lex surge no ecrã menos de um minuto depois, claramente preferindo não arriscar e percebendo que lhe convém mais um confronto comigo do que com a esposa.

– O-olá? – diz, soando surpreendentemente nervoso quando é sempre tão calmo e bem-disposto.

– Como é que foste capaz? – questiono.

– Desculpa – responde rapidamente, e ainda bem que nem tenta disfarçar. – Devia-lhe um favor, Sierra. Sinceramente, não esperava que o cobrasse para isto. Só me disse que queria *comprar* o carro mais cedo. Nem sequer mo pediu de graça. Não tinha como lhe dizer que não.

– Devias-lhe um favor? – pergunto, confusa. Por que raio o meu doce irmão mais velho deve um favor ao Diabo? Não há muito que os meus irmãos não consigam por si mesmos, para que raio precisou da ajuda do Xavier? – Mesmo assim, devias-lhe ter dito que não – argumento. – Agora parece que os Windsors e os Kingstons são amigos e sabe-se lá o que ele vai fazer com essa ideia. Não se pode confiar nele.

O Lexington ri-se, claramente não percebendo a gravidade do seu erro.

– Está tudo bem, mana. Prometo.

Antes de conseguir refutar as suas palavras, a porta do meu gabinete abre-se e entra um homem cujo rosto conheço, seguido de perto pela minha assistente.

– Esquece. Falamos depois – digo ao Lex, antes de terminar a chamada.

Ergo uma sobrancelha ao assistente do Xavier, o Sam, e ele sorri como se não lamentasse nada, como se não tivesse acabado de invadir o meu gabinete.

– Senhora Windsor – diz, baixando a cabeça. – É um prazer vê-la novamente.

– Podia dizer o mesmo, mas ambos sabemos que estaria a mentir – respondo e sorrio tranquilamente à Claire, a minha assistente. Parece-me angustiada, mesmo sabendo que nada pode deter o Sam quando é enviado em missão pelo Xavier. Afinal, não é a primeira vez que invade o meu gabinete sem ser convidado.

– Isso magoa-me, senhora Windsor – diz o Sam, pousando a mão no peito num gesto dramático.

Suspiro e cruzo os braços.

– Que te traz aqui, Sam? – Os olhos dele iluminam-se e eu ergo uma mão. – E poupa-me o teatro, por favor.

O sorriso do Sam desvanece-se, e estica-me um envelope preto com um selo dourado. O meu coração acelera quando reconheço o meu nome escrito a dourado na letra do Xavier.

– O senhor Kingston pediu-me que lhe entregasse isto, senhora Windsor. – Pego no envelope, mas ainda antes de ter tempo de o pôr na trituradora de papel, o Sam fica tenso e assume uma expressão séria. – Também me disse que me despedia se eu não garantisse que lê a carta.

– *O quê?* – pergunto, segurando o envelope sobre a ranhura da trituradora. – Ele nunca te despediria – começo a dizer, mas, na verdade, não estou certa disso. O Xavier é errático.

– Tenha piedade de mim, senhora Windsor. Se a quiser destruir depois de ler, é consigo, mas, por favor... por favor, ajude-me a manter o meu emprego.

Filho da mãe. Cerro os dentes ao pegar no abre-cartas e abro o envelope, fervendo de raiva quando percebo que é um convite para a grande abertura do teatro para o qual roubou os meus planos de decoração: Artemis.

– Só pode estar a gozar comigo.

O Sam olha para os pés, mas podia jurar que por uma fração de segundo o vi sorrir.

– Há mais, senhora Windsor – diz, num tom implorante. Estou tão furiosa que a minha mão treme quando pego na carta manuscrita a cor dourada sobre o papel preto.

Minha querida Gatinha,

decerto não pensaste que não haveria consequências por teres destruído a minha preciosa coleção de carros, pois não? Tu, mais do que ninguém, sabes como sou.

Em troca dos estragos que fizeste, tirei-te uma coisa tua. Dança comigo hoje à noite e pode ser que ta devolva. Nem sequer me importo se me pisares de forma descarada e de propósito – afinal, tenho muitas saudades de como me fazes estar sempre alerta.

Teu,

XK

Isto só pode ser uma brincadeira. Roubou os *meus* planos e acha que eu é que fiz algo errado?

– Está a delirar – sussurro enquanto penso no que poderá ter roubado. Com ele, as possibilidades são infinitas. – Está completamente doido da cabeça.

O Sam sorri.

– Imagino que sim, senhora Windsor – diz, antes de se afastar. – Vejo-a hoje à noite – acrescenta e eu fico a olhar para ele, o seu sorriso demasiado presunçoso para alguém que supostamente esteve quase a perder o emprego há minutos.